

FRSATA

Marcília Rosa  
Periotto

## Jornal e história na escola

As comemorações dos 200 anos da imprensa no Brasil e de seu primeiro órgão, o *Correio Braziliense*, sugerem uma reflexão sobre o papel pedagógico que o uso dos jornais desempenham no ensino da história e na formação da cidadania.

*Rien n'est beau que le vrai;  
le vrai seul est aimable.*  
Voltaire.

> No quadro de recursos didáticos disponíveis aos professores, o jornal situa-se como uma das fontes de maior valor para o ensino de história e também para áreas correlatas do conhecimento. A ausência do hábito de ler, ocasionada por inadequadas condições econômicas de acesso aos jornais e por ambientes culturalmente pobres, tem deixado um grande número de indivíduos distantes de informações que possibilitam a compreensão do mundo que os cerca, impedindo uma reflexão mais acurada sobre o papel que poderiam desempenhar na busca por uma sociedade melhor.

Entre os óbices impostos à realização cultural desses indivíduos, é forçoso salientar que a mecânica da leitura e da interpretação de textos realizada em baixos níveis de compreensão dificulta o aprendizado e tolhem a absorção de qualquer tipo de conteúdo que venha a ser desenvolvido em sala de aula. É nesse quadro que a utilização do jornal como fonte de conhecimento, do ontem e do hoje, se coloca como uma alternativa metodológica preciosa na formação do aluno. Ela é mesmo fundamental para uma leitura crítica de mundo que corrobore a cidadania que os saberes pedagógicos atuais visam construir.

A infinidade de temas constantes nas páginas dos jornais diários e daqueles guardados nos arquivos e bibliotecas compõe um painel fecundo das relações sociais que determinam a vida dos homens, anotadas desde que a Carta Régia de 1808 permitiu a instalação da imprensa no Brasil.

A liberação da imprensa foi um dos atos mais marcantes de D. João VI. A partir daí, o Brasil assistiu ao surgimento de uma imprensa vigorosa, principalmente no campo da controvérsia política, em que a luta pela liberalização do comércio e maior participação dos brasileiros na administração do reino impôs sucessivos revezes aos portugueses. Isabel Lustosa afirma que aquele “foi um momento extremamente vibrante, onde

se assistiu a um processo de liberalização política sem precedentes na nossa história. Os jornais não noticiavam: produziam acontecimentos”.<sup>1</sup> Já Wilson Martins anota que “com esse ato, a tipografia, a edição e o jornalismo fizeram a sua entrada simultânea em nosso país; o ritmo de produção, a variedade de títulos e a matéria escolhida são índices extraordinários da bulimia cultural e intelectual do período”.<sup>2</sup>

Essas opiniões, conquistadas por exaustivas pesquisas sobre os periódicos antigos, confirmam a importância da utilização dos jornais em sala de aula, uma vez que a luta pela formação histórica da nação brasileira ficou marcada detalhadamente em suas páginas bem no calor da hora.

O objetivo de formar o cidadão, saudado como necessário pela sociedade atual e incorporado como uma das metas da educação, não prescinde de um conhecimento aprofundado da história nacional. Ao contrário, a constituição desse indivíduo participante e com capacidade de interagir com seu meio social requer um pleno conhecimento de nossa história, apreendida desde o descobrimento do Brasil até os dias atuais.

A superação das condições interpostas à conquista da cidadania é o fulcro central desse propósito, já que não se cogita a formação do indivíduo crítico sem que ele saiba como as relações sociais que vivencia foram constituídas e se desenvolveram. O “saber histórico”, portanto, é a garantia de uma ação prática bem-sucedida, pois que as opiniões estarão formadas não pelo senso comum, mas por uma visão plena e segura do movimento da sociedade.

O uso do jornal em sala de aula como ferramenta do trabalho didático-pedagógico, no caso de cursos de História, Pedagogia, entre outros da área das ciências humanas, subsidia o professor ao proporcionar a visualização dos fatos e eventos que conformaram a sociedade brasileira tal qual se encontra hoje, pois que



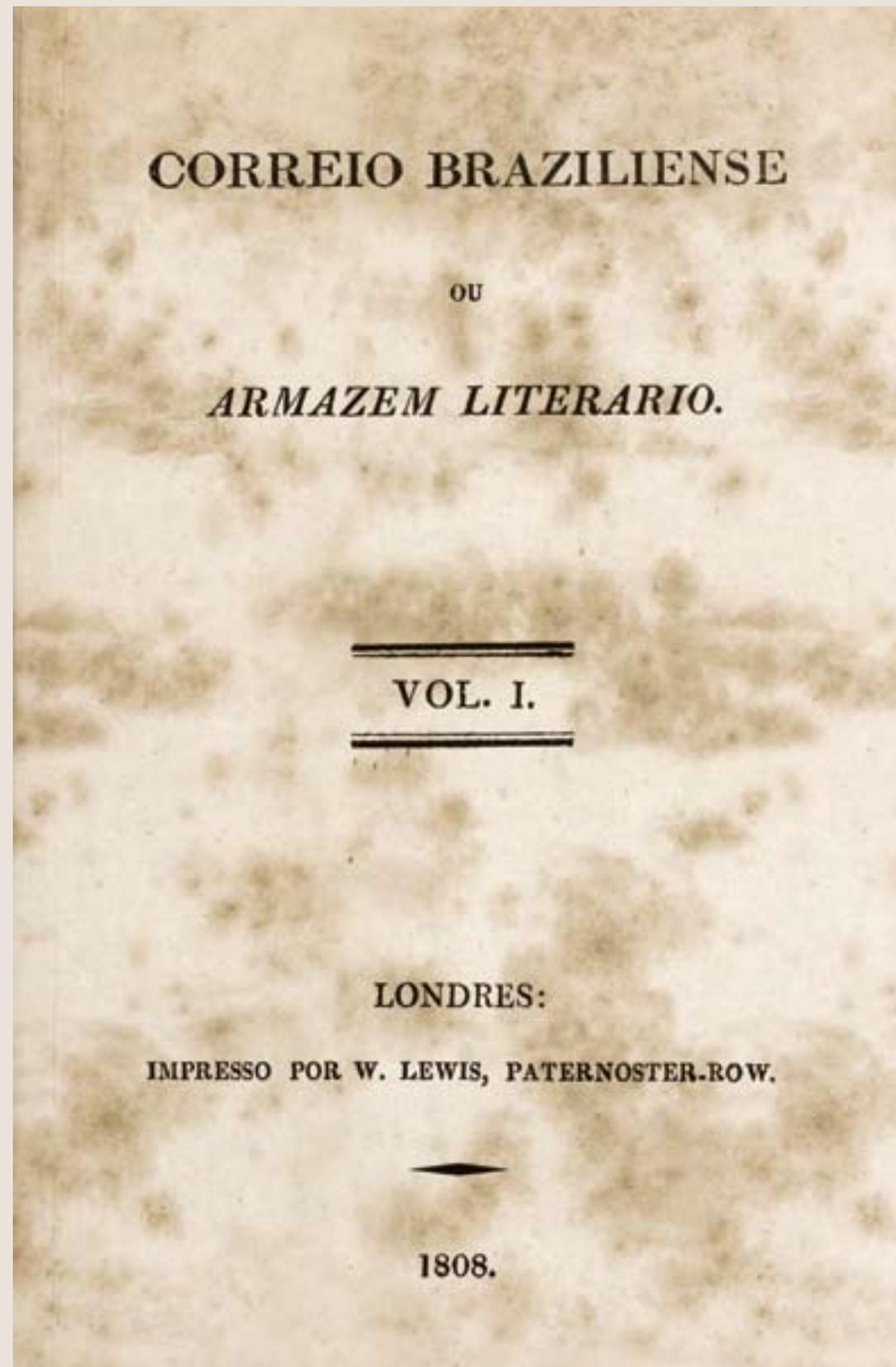
Engraved by J. H. B. B. B.

Engraved by H. R. Cook

*Hippolyte Joseph da Costa  
Pereira Furtado de Mendonça*

*Anno 1811*

Retrato de Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça (Colônia do Sacramento, 1774 – Londres, 1823). Gravura de H. R. Cook, 1811. In: COSTA, Hipólito. *Correio Brasileiro ou Armazém Literário*. Edição fac-similar organizada por Alberto Dines e Isabel Lustosa. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Distrito Federal: Correio Brasileiro, 2001-2003. 31 v.



os matizes da vida social, política e econômica das épocas passadas compuseram as milhares de folhas que a imprensa política ou literária registrou em minudências para a posteridade.

### Instruir para as luzes

O recurso ao *Correio Braziliense*, periódico de Hipólito da Costa, que completa agora 200 anos e teve o mérito de ser o primeiro jornal brasileiro, mesmo escrito e publicado em Londres – cidade que recebeu em exílio seu fundador – proporciona aos alunos e estudiosos da história nacional uma profunda compreensão dos embates travados entre as forças avançadas do reino e a ala conservadora ligada diretamente ao círculo do poder monárquico.

Nesse jornal encontram-se as diretrizes da luta política que moveu o Brasil em direção à separação definitiva de Portugal. Nele, tudo se equipara a uma grandiosa aula de história, notadamente o cunho educativo que perpassa todas as suas páginas. Desde a exposição de princípios, o jornal apontara claramente o objetivo de instruir para as luzes:

O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela; a cada um deve, segundo suas forças físicas e morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou. O indivíduo, que abrange o bem geral duma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes, que ele espalha, tiram das trevas, ou da ilusão, aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia, e do engano.<sup>3</sup>

Esse caráter educativo, conscienciosamente programado, do jornal de Hipólito da Costa foi, senão o maior, um dos grandes propulsores da instrução da elite brasileira, desejosa de maior autonomia política e comercial. Não

é possível determinar com absoluto rigor o alcance das palavras de Hipólito, mas se sabe que, durante muitos anos após a Independência, outros jornais de expressão na época reproduziram seus artigos. Caso notório foi o do periódico *O Universal*, impresso da Província de Minas Gerais (1825-1842), que se notabilizou por defender a instalação de escolas de ensino mútuo como meio de disseminar as letras e “para dar à pátria cidadãos laboriosos e probos, por meio de uma educação conveniente”.<sup>4</sup>

A importância do resgate desse jornal em sala de aula vincula-se também ao fato de que à história “oficial”, que se pretende a única voz credenciada, vem se contrapor outra versão, mais fidedigna, dos reais acontecimentos que impulsionaram o Brasil a se desligar do jugo político de Portugal. Nele estão inscritas as lutas entre a aristocracia portuguesa e a elite brasileira, formada pelos grandes fazendeiros, e que se sentia preterida no exercício do poder, embora fosse produtora da riqueza em grande parte apropriada pelos portugueses e da qual não queriam abrir mão.

O reconhecimento de que ao Brasil é urgente repensar o processo educacional direciona a questão também para a adoção de novos instrumentos ou novas estratégias na disseminação dos saberes até então instituídos. Mesmo que os recursos para isso estejam disponíveis, é preciso, no entanto, contextualizá-los, analisando-os pelo que representaram em seus períodos históricos e pelas possibilidades reflexivas que oferecem aos sujeitos em aprendizagem, a fim de que estes saibam determinar o papel que devem cumprir em prol de uma sociedade mais equânime para todos os indivíduos que a constituem.

Nesse quadro, os produtos impressos certamente têm muito a contribuir com a educação, pois além de incentivar a leitura colocam o aluno-leitor frente a um contexto em célere transformação. A demanda para seu melhor entendimento implica o perfeito domínio da escrita e a interpretação dos textos, fatores fundamentais

para o exercício da cidadania, na medida em que teoria e realidade social sejam vistas como complementares.

A importância dos jornais antigos no processo de ensino-aprendizagem reforça a visão de que cumpriram papel educativo da mais alta significância, ao espalhar idéias que não se podiam debater no Brasil: primeiro, por serem as letras domínio dos mais abastados; segundo, por serem as idéias iluministas perigosas demais para os intentos dos portugueses em manter-nos na condição de colônia.

Assim, o uso do jornal em sala de aula permite alcançar um desempenho didático-pedagógico mais satisfatório na aprendizagem. Entre as razões mais corriqueiras para defendê-lo, pode-se alegar que o ganho intelectual a ser adquirido pelo aluno por si só autoriza a sua utilização. A valorização da informação, coadjuvada por um profícuo debate sobre as fases constitutivas da história da nação brasileira, referenda os impressos, sejam os atuais ou dos séculos passados, como matéria de importância para uma proposta educacional que tem por princípio político-filosófico a construção da cidadania.

#### Notas |

1. LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos: A guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 16.
2. MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1794-1855)*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1977-1978. v. 2, p. 29.
3. CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZÉM LITERÁRIO – (Hipólito da Costa). Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Brasília: Correio Braziliense, 2001-2003. v. 1, p. 3-4.
4. Cf. CORREIO BRAZILIENSE OU ARMAZÉM LITERÁRIO..., v. XVI, n. 95, p. 346.

**Marcília Rosa Periotto** é doutora em História da Educação pela Universidade de Campinas (Unicamp), mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSCar) e atualmente faz pesquisa sobre Hipólito da Costa e o *Correio Braziliense* no Pós-Doutorado Júnior na UFMG, com a supervisão do professor Luciano Mendes de Faria Filho. Pertence ao quadro de docentes da Universidade Estadual de Maringá, Paraná (UEM-PR). É bolsista do CNPq.

